

Davi Silva Gonçalves¹

Milan R. Lemos²

Quem está acostumado com a Kiev rural convive tranquilamente com o ar frio da cidade. Dentro da capital a temperatura não é a mesma, mas as demais sensações não são muito diferentes – talvez porque a maioria de seus habitantes, até pouco tempo, vivia no campo. Todos se conhecem: é isso que sentimos. O outono, em seu final, era o período no qual o frio mais incomodava, sem sombra de dúvidas. O vento talhante do norte trazia o inverno e um ar triste para a cidade. Lembro-me sempre das margens do rio Dniepre. Outrora repleto de sons e de vida, agora ele está vazio, esperando algum animal disposto a incorporar-se naquela paisagem melancólica.

Nesse ambiente aconchegante, mas bem longe do centro da cidade, vive o agora comerciante Iván Budny com seus pais e três irmãos. A vida no campo sempre deu a Iván tudo que havia pedido, sendo ele um sujeito que nunca teve o desejo de abandonar aquele lugar que tanta paz e tranquilidade lhe trazia. Não tinha grandes ambições, a não ser a vontade de ver sua nação e seu povo prosperarem – mais pela tranquilidade daqueles que lhe eram caros, do que necessariamente por si mesmo. Até bem pouco tempo atrás, pode-se dizer que Iván ainda não havia sentido nenhuma grande emoção patriótica, comparável àquilo que nutria sua família. Gostava da Ucrânia, só não se importava tanto. Quando mais novo, achava que ninguém percebia essa despreocupação – mas seu pai lamentava em silêncio que a herança eslava pesasse tão pouco no sangue de seu herdeiro. Muito, ainda, ele haveria de aprender. Só saía de sua casa humilde no campo, localizada a leste de Kiev, em duas situações: eventualmente para rever Anatoli Ponomarenko, amigo de infância que agora vivia em Moscou e que vinha para Kiev em geral uma vez ao ano; ou, então, quando a equipe da Sociedade Esportiva do Proletariado de Kiev, o Dínamo, jogava como mandante – o que ocorria, pelo menos, a cada quinze dias.

O interesse pelo time aconteceu tardia e ocasionalmente. Não mudou apenas a rotina de Ivan, mas também a forma como ele enxergava o mundo. Era 1928: ano seguinte da fundação do Dínamo de Kiev. O clube era composto por funcionários da GPU – a polícia secreta soviética – e por alguns poucos membros do sindicato varejista da cidade. Iván estava com vinte e um anos. Cansado de morar com os pais, ele resolveu passar alguns meses sozinho na cidade para ver como era viver por conta própria. O começo dessa nova jornada foi muito complicado para ele. O pouco dinheiro que Iván levava logo acabou e ele chegou a precisar da ajuda de estranhos. Em uma dessas ocasiões, quando cuidava de uma criança para que seus pais fossem ao velório de um amigo morto na Bielorrússia, Iván acabou sendo apresentado, por acaso, àquela que seria sua maior paixão – pelo menos até que Maxim aparecesse, mas ainda é cedo para falarmos dele.

O início de junho é sabidamente o momento em que Kiev ganha mais vida. O céu sempre azul é algo que salta aos olhos de qualquer desavisado. Gleb pediu a Iván que fossem assistir a uma partida do Dínamo. Ainda com o gosto de vodca na boca – ele odiava escovar os dentes depois de um trago de horika – Iván aceitou, não sem certa relutância. A razão pouco importa: nessa época do ano tudo fica mais bonito em Kiev. As pessoas andando em grupos,

¹ Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC). Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Licenciatura em Letras Inglês e Literaturas Correspondentes (UEM). Bacharelado em Tradução em Língua Inglesa (UEM). Professor Adjunto no Departamento de Letras, Diretor do Centro de Línguas e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). E-mail: [goncalves.davi@hotmail.com](mailto:gonalves.davi@hotmail.com)

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: milanlemos@gmail.com

seja quais fossem os seus compromissos, foi algo que mexeu imediatamente com Iván. O sentimento de pertencimento foi instantâneo. Iván sempre teve como passatempo imaginar quem são as pessoas que cruzam com ele nas ruas da cidade – para onde estão indo, o que fazem, de que vivem. “Aquele rosto, será que eu já vi?” “Aquele sujeito me olhou de um jeito... acho que o conheço, ou poderia ter conhecido.” “Aquele senhor parece cansada, e aquela outra para onde vai com tanta pressa?” Ele se sentia profundamente atraído pela ideia de que mundos tão diferentes, os mundos de cada um de nós, pudessem trespassar outros mundos com tanta frequência, numa calçada qualquer. O mistério das nossas trajetórias que, para nós, definem nossas vidas, o deixava perdido em pensamentos, às vezes por horas a fio. “Como é que podemos estar aqui, nesse mesmo dia e lugar, seguindo caminhos opostos? Ter vidas tão diferentes?” Era o que lhe vinha em mente, a cada trombada em Kiev. Naquele dia, ele continuava sem saber quem eram as pessoas que cruzavam com ele, sequer compartilhava qualquer sentimento com elas, mas, pela primeira vez, era como se fossem família, como se aqueles corações desconhecidos pulsassem em uníssono dentro de um mesmo corpo. “Eu não os conheço, mas, hoje, eu sei quem são,” ele pensou. Iván sabia para onde iam e, principalmente, sabia o que todos queriam. Em meio àquela bagunça, barulho e confusão de cheiros e toques, ele assistia a todos que chegavam. Vendo a excitação no olhar de cada um, logo ele entendeu que existia algo mais profundo no futebol. Finalmente, a primeira faísca de pertencimento, aquele sentimento que seu pai por tanto tempo esperara ver no filho, começava a queimar no coração de Iván. Que orgulho da nossa Rus’; a faísca viraria chama.

Com a revolução de 1917 o estado esteve forte e onipresente. O incentivo dado à cultura popular – em especial, ao futebol – foi uma maneira de garantir que ele fizesse parte do cotidiano da população. Clubes como o Dínamo eram diretamente financiados pelo estado através da GPU. No Dínamo as preocupações do mundo cessavam por, pelo menos, noventa minutos. Não todo o mundo, mas o mundo que lhe importava. Entretanto, Iván via o clube alcançando um patamar que ia muito além disso – e além das expectativas limitadas de estadistas engravatados. O Dínamo não era apenas um time: era o altar em que todos buscavam algum tipo de descarrego; algo em que se acreditar. A equipe, ao invés de servir como um anestésico, trazia força e coragem para os peitos cansados de Kiev. Era daquilo que Iván precisava; ele que, até então, nunca havia se agarrado a nada. Mesmo com todas as derrotas que vieram no início de sua trajetória, o clube cumpriu sua função – e o fez com primazia. Na arquibancada via-se aquele pertencimento: o sentimento de que éramos um, não importa o que acontecesse. Ganhando, empatando, sendo derrotados... no próximo jogo lá estaríamos novamente. Nossa batalha valia mais do que a vitória.

O tempo passa, a paixão pelo Dínamo aumenta, e nesse contexto Iván torna-se cliente assíduo de um certo estabelecimento, pelo estômago e coração. Com ou sem fome, sempre que o jogo acabava, ele parava para comer algo na Padaria número 3, que ficava muito perto do estádio. Lá estaria Myroslava, atrás do balcão, com um sorriso estampado no rosto. Quando o Dínamo perdia, aquela refeição – ou melhor, companhia – era a única coisa que trazia alguma tranquilidade para Iván. Havia algo naquela mulher. Myroslava Kohut era dois anos mais nova que ele e tinha cabelos ruivos como o fogo, herdados do seu recém falecido pai. Seus olhos azuis lembravam o céu mais bonito de Kiev, bem como as cores do time. Cruzar com esses olhos, a cada tragada de café, acelerava o coração de Iván. Nessas ocasiões, ele se preocupava menos em imaginar qual era a vida de Myroslava, e mais em desejar que ela estivesse ligada à dele. Sua pele era clara como o trigo e era assim que ela combinava tanto com a nossa bandeira: o claro da pele e o azul dos olhos. Quando esses olhos encontraram a vista perdida de Iván, na primeira vez em que ele esteve na padaria, Myroslava também sentiu uma imediata empatia por ele. Ela nunca havia pensado em se casar e nem em ter filhos, ainda mais com a padaria para tocar. Iván atrapalhara seus planos. Seu pedido era sempre o mesmo: dois pyrizhky e um holubtsy. Era prontamente atendido, às vezes antes mesmo de pedir, com o quitute mais fresco

do dia. As visitas à padaria eram rotineiras; e o casamento entre Iván e Myroslava, igualmente, ocorreu como rotina.

Devido à morte do pai, Myroslava encontrava Iván em um momento no qual se sentia sobrecarregada com os afazeres da padaria. O casamento foi simples e os convidados poucos; rapidamente, ambos se integraram na família um do outro – era como se fossem namorados de infância, por mais tardia que tenha sido sua aproximação. Morando no mesmo lugar, era como se ela trabalhasse vinte e quatro horas por dia. Sem condições de arcar com mais funcionários, convidar Iván para ajudá-la na padaria foi um movimento natural para Myroslava, mesmo porque seu marido vinha praticamente vivendo de bicos. Além disso, os pais de Iván tinham uma boa produção de trigo, o que ajudou muito ambas as partes. Apesar do luto e da nova fase, tudo estava dentro dos conformes e a vida era satisfatória. Mesmo trabalhado muito, nem ele e nem ela sentia que tinham de que reclamar. Iván estava pleno; tinha se casado com a mulher que amava, seu trabalho lhe permitia viver em um certo conforto, morava ao lado do estádio do Dínamo e, como se não bastasse, via seus pais quase que diariamente por conta das remessas de trigo. Seguindo o rumo natural das coisas, em 1936 nasce o primeiro e único filho do casal. Seria uma alegria agrídoca: uma complicação no parto impossibilitaria o nascimento de futuros herdeiros.

Maxim, por dentro, tinha a delicadeza da mãe, mas a carcaça era uma miniatura do pai: um belo nariz esguio, olhos e cabelos negros. Era alto para a terna idade que tinha. Foi apenas um, porém capaz de encantar àqueles que tinham o prazer de conviver com ele. A princípio, tanto Iván quanto Myroslava lamentavam a ideia de criar um filho único, tolhido do convívio com outros irmãos. Mas, com o tempo, perceberam que isso fazia com que ele se tornasse a cada dia mais capaz de conviver bem com sua própria solidão. Ser filho único também motivava um cuidado maior na hora de fazer novas amizades. Parecia estar sempre feliz, e era muito agradável com todos. Cumprimentava e conversava com os clientes, mesmo aqueles que nunca havia visto. Sua família era pequena, de poucas aquisições, mas todos os vizinhos sentiam inveja quando viam os três juntos. O sentimento de paixão pelo clube não era negociável; em pouco tempo, pai e filho estavam unidos nessa torcida que seguia crescendo nacionalmente.

Desde sempre Maxim esteve com o pai no campo, com um olho em Iván, figura que tanto admirava, e outro no time, do qual sonhava fazer parte eventualmente. Maxim era o xodó da torcida: abraçava desconhecidos quando vinha um gol inesperado, enxugava as lágrimas de outros quando o resultado não era favorável. O clube era o coração de Kiev e bombeava, para cada torcedor, o sentimento de orgulho nacional ucraniano. Myroslava assistia a tudo meio de longe; ela tinha medo das brigas, preferia esperar pai e filho na padaria quando era dia de jogo. Diferente deles, ela não dava muita bola para o futebol – mas gostava do que via dentro de sua família e na cidade que amava. Era uma paixão inocente e contemplar a união entre o pai e o filho seria o suficiente para ela. Sentar no banco da padaria, ao lado da janela e de frente para esquina, tornara-se um ritual comum. Myroslava estaria sempre lá aguardando o retorno de Iván e de Maxim. De longe, ela já sabia se o Dínamo tinha ganhado ou perdido, antes mesmo que os dois chegassem em casa. Quando o time era derrotado, ambos subiam a rua calados, com as mãos no bolso – o filho imitando o andar apressado do pai. Quando ele era vitorioso, a voz dos dois cruzava a esquina antes deles – viriam fazendo gestos exagerados, recriando as jogadas, imitando as defesas, dando cabeçadas no ar, rindo. Eles também tinham se acostumado com isso, e a primeira coisa que faziam ao chegar era contar como o jogo havia sido. Myroslava escutava calada, sempre com alguma comida pronta, que havia preparado para eles. Nas refeições, a família estava sempre junta. Myroslava tinha orgulho do marido e, principalmente, do filho de quem marido e mulher cuidavam tão bem – e que tão bem cuidava deles. Ela amava o seu país: então a paixão pelo clube tocava direto no peito dela. Na equipe, tudo o que ela via era bonito, grande e apaixonante. Ela sabia que no Dínamo todos os ucranianos importavam,

todos eram iguais e todos, sem exceção, sabiam da força que tinham. Isso, dentro das tantas etnias da União Soviética, era algo muito poderoso. E perigoso.

Dali para frente, as vidas de Iván, Myroslava e Maxim seguiria um curso natural. Em Kiev, a normalidade das coisas também duraria por bastante tempo, inclusive mais do que esperávamos. Quando acabou, foi da pior forma possível. Em 22 de junho de 1941 o Dínamo iria enfrentar o CDKA Moscou. Aquele confronto vinha sendo aguardado por muitos dos habitantes da Ucrânia e da Rússia, justamente pela rivalidade de uns pelos outros. Aquele jogo significava muito também porque se daria como parte da inauguração do imponente Estádio Olímpico de Kiev. Ele nunca aconteceu. Nesse mesmo dia tropas nazistas invadiram o território soviético. Parte de Kiev foi destruída pela Luftwaffe, a força aérea de Hitler. Em poucos meses a cidade estava ocupada pelos alemães.

Para Igor Olxiy, saber que horas eram não fazia nenhuma diferença; e essa, inclusive, não era uma informação muito fácil de se conseguir. Nas redondezas, poderia haver algum animal qualquer esbravejando, ou não; os pássaros, silenciosos ou despertos, também lhe eram indiferentes. De uma maneira ou de outra, voluntariamente ou não, antes das cinco da manhã ele já estava de pé, todos os dias. A fome lhe atrapalhava, o frio impedia que o corpo parasse – era impossível cair no sono e nele manter-se com o corpo tremendo e o estômago vazio. A manta fina e suja servia para amenizar um pouco o risco que seus dedos do pé e da mão congelassem, mas os piolhos atrapalhavam. Seu colchão era muito pequeno, e a metade do corpo ficava para fora. Era surpreendente que um homem do porte de Igor – um dos maiores e mais fortes daquele lugar – conseguisse ficar de pé com a pouca comida que recebia naquela tigela, em apenas uma porção diária. Aquela gororoba rala, a base de batata, cumpria uma função importante: deixava homens como Igor levemente saciados para que pudessem trabalhar, mas suficientemente extenuados para pensar em fazer qualquer coisa além disso.

A vista era belíssima, porém ignorada. Faminto e cansado, Igor não conseguia apreciar nem um pouco da beleza que se apresentava ao nascer do dia, nos arredores do campo de concentração. Ele era um dentre os muitos sujeitos que não notavam aquela imagem. Seja pelas surras, doenças, ou rajadas de água gelada na cara durante os banhos coletivos, a humanidade daqueles seres esvaia-se pouco a pouco de seus corpos, como gelo fino por entre seus dedos grossos, que estariam rachados e sangrando ao fim de dias sempre iguais para eles. Quase como animais irracionais, o mundo ao redor lhes passava mesmo em branco, ainda que a cor branca fosse apenas uma das tantas tonalidades que compunham aquela suntuosa paisagem. Eram como insetos caminhando, sem dar-se conta, na superfície de um quadro pintado pouco a pouco, com o passar do dia, em pinceladas esparsas e pelas mãos invisíveis do vento, das nuvens e dos raios de sol. Aquele sol, para aqueles homens, se punha quase que automaticamente. Estavam ali para cumprir um fim, e sentiam que o resto não lhes interessava – assim como eles não interessavam ao resto.

Não era só barulho: era um prenúncio. Foi em mais uma madrugada fria de outono que as coisas começaram a mudar. Já que não conseguia dormir, em meio aos seus cochilos esparsos, Igor se atentava para tudo que ouvia ao seu redor. Assim, e com o pouco que restava da sua imaginação, tentava criar na mente as cenas que aconteciam lá fora, solucionando os enigmas dos sons e da noite. Cercado pela escuridão, além dos barulhos costumeiros do ambiente – do ranger das árvores, do vento forte e gelado e dos animais noturnos – Igor escutava algo novo. Novo porque, ainda que lhe lembrasse o som dos motores dos caminhões, parecia, ao mesmo tempo, emergir de um objeto maior, ou de vários objetos. Era uma sinfonia que ele nunca havia escutado. Aquilo não era nenhum animal, disso ele sabia. A zoadá que se aproximava cessou subitamente.

A rotina de Igor e de todos foi interrompida por volta das quatro e meia da manhã. Estavam se recompondo para mais um dia como outro qualquer. Nesse horário alguns já estariam de pé, outros levantando e outros sendo acordados por seus companheiros, afim de evitar uma desnecessária bordoada na cama ao lado, já na primeira hora do dia. Eles se ajudavam não por altruísmo, mas simplesmente para protelar a raiva que os guardas tinham deles. Quando essa raiva vinha, ela vinha para todo mundo. Igor tinha acabado de vestir seu casaco furado e puído quando a porta se abriu com violência. A base de socos e chutes, todos foram retirados às pressas, sem nenhuma explicação. Eram centenas. Os retardatários vinham sendo empurrados com brutalidade, pelo cano da espingarda. Os mais doentes ou cansados, que não conseguiam caminhar, eram derrubados às coronhadas, para então serem carregados pelos seus companheiros, cujo próprio corpo tinham dificuldade de mover. Apesar de não saber para onde iam, nem o que ia acontecer, um certo otimismo podia ser identificado no rosto de cada um. A esperança estava tomando os seus corações. Para Igor, sair de lá era uma alegria. Não haveria nada pior.

A viagem foi longa. A truculência dos guardas, que se irritavam com tudo, fazia com que cada minuto demorasse horas para passar na cabeça de Igor. Além disso, sua sensação era aquela de quem sai rumo a um destino desconhecido: mesmo que sejam apenas alguns quilômetros, o caminho só se torna tranquilo quando a gente se acostuma com ele ou, ao menos, imagina o que deve esperar. Perguntar qualquer coisa aos guardas era o mesmo que pedir para ter os dentes quebrados; assim como conversar entre eles também seria loucura. Ninguém arriscava cochichar. Cedo ou tarde, eles iam descobrir do que aquilo se tratava – é o que pensavam. No caso de Igor, um motivo a mais para não querer romper com a expectativa era o medo. Poderiam ser levados para um lugar pior, com guardas piores ou mais cruéis. Poderiam ser assassinados. Ele preferia saborear um pouco a boa notícia que em silêncio inventara: imaginava um futuro melhor para todos eles que, até ali, já tanto haviam sofrido. Não seria justo que suas vidas piorassem. Mas o que é a justiça, afinal? A justiça não existia para eles e Igor já nem sabia mais como definir a palavra sem se sentir um tanto idiota. Porém, seguindo a jornada, ele pasmou-se ao perceber que sim: havia pelo menos um motivo para sentir-se afortunado.

O cheiro do majestoso Dniepre: o presságio da capital. Igor conhecia muito bem os arredores de Kiev. Assim que se aproximaram da cidade ele foi tomado por uma sensação de paz e de tranquilidade, como se ele e aquele lugar fossem um só, como se ele nunca devesse ter saído dali. O inesquecível pulsar do Dniepre: seria impossível perder da memória aquela região que as margens do rio lambiam delicadamente, e que se erguia perante o comboio, e que era tão maior do que os homens. Igor estava enfeitiçado naquele espaço mágico que os engolia a todos. As correntes fulgentes do Dniepre: fechando os olhos, Igor podia ouvir o som brilhante das águas cintilando baixo ao sol – podia até mesmo sentir o cheiro dos biscoitos que sua avó costumava fazer para ele, mesmo quando recusava. “Como eu pude recusar?” Ele pensava, sentindo a água na boca. Agora imaginava o quanto seria bom voltar a ser criança e aceitar todos os biscoitos que eventualmente não quis comer. Transportando-se para seu passado distante, de sabor tão doce quanto o daqueles biscoitos, Igor abraçou-se brevemente com a saudade. Imaginou-se mais uma vez sentado no canto da cozinha, brincando com os bonecos de madeira que seu avô fazia enquanto escutava a avó insistindo para que comesse um pouco mais. Os vizinhos andavam dizendo que seu neto magricelo passava fome, ela dizia. Provavelmente mentia, mas o que ela diria hoje, se o visse naquelas condições? Igor sempre teve um rápido metabolismo, mas estava só carne e osso. Mais ossos que carne – ossos quebrados, mais velhos do que deviam estar, e esgotados de tanto erguer o seu grande corpo cansado. Que desgosto para a finada avó, sempre tão sorridente. “Ainda bem que não está mais aqui”, concluiu ele. Por que ele ainda estava lá? Perguntou-se. Agora, ciente que chegaria em Kiev, para Igor isso já não importava tanto: estar ou não estar. Sentia-se feliz, completo. Não queria morrer sem antes voltar a sentir-se vivo – sem antes voltar, simplesmente, a sentir.

Nesse momento, Igor pediu licença às lembranças. Enfiado nelas, já há alguns minutos, não sabia mais o que estava acontecendo ao seu redor. Erguendo a cabeça, no olhar de cada um que lhe cercava, ele não via mais olhos de bichos e sim os olhos de homens que também estavam tomados pela memória: homens que também tinham voltado a viver. Continuavam sujos, fedidos, avelhantados pela fadiga das vidas sofridas. Agora, já não estavam mais com aquela cara de que tanto faz. Eram, aqueles corpos grudados no comboio, os corpos de homens acabados, porém de olhos entusiasmados, olhos com o brilho de lágrimas há muito choradas, o brilho do recomeço. Igor sentia-se aliviado. No seu rosto e no rosto de todos os outros ele viu, por fim, a fagulha da vida, onde antes só havia morte.

Essa breve reflexão foi interrompida, novamente por algum guarda. A voz seca, dessa vez, parecia receosa. Ela não amortizou o sorriso sempre contido de Igor. Tratava-se de um soldado raso da força ucraniana que havia sido encarregado de traduzir uma mensagem para todos os que estavam ali. A mensagem: estavam livres e deveriam arrumar o que fazer, contanto que não causassem problemas. As ruas de Kiev se abriram para eles. Nas feições de Igor, e de muita gente ali, não se podia discernir nenhum tipo de reação; era como se tivessem sido paralisados pela notícia, entorpecidos pelas palavras do guarda. “Será mesmo?” Talvez ele não soubesse ucraniano, ou talvez fosse uma armadilha; na melhor das hipóteses, o guarda estaria só fazendo piada de mal gosto – de mal gosto para ele, claro, pois os guardas adoravam brincar com as emoções dos prisioneiros. Começaram a se cutucar e murmurar. Alguns, mais corajosos, com medo de que as palavras não tivessem passado de uma alucinação – uma miragem inventada como último recurso por suas mentes, já tão perturbadas – ousaram pedir para que aquele sujeito desconhecido repetisse o que havia dito.

Era verdade. Os murmuros viraram conversas. As conversas viraram gritos. Era um coral de gente que nem lembrava mais o gosto de falar para fora – gente que, mais uma vez, sentia o gosto quase imêmore de gastar a saliva. O sorriso de Igor estava agora fora de controle. Não seria mais contido, nem ele nem o sorriso. Naqueles homens não haveria mais silêncio. Naqueles homens não haveria mais morte. Em êxtase, descendo do caminhão, agora Igor se ocupava em pensar no seu próximo passo. Nunca se casou; seus irmãos tinham sido mortos, seus pais e avós haviam falecido há muitos anos. Dos amigos não fazia ideia: alguns tinham desaparecido antes mesmo que ele fosse levado pelos nazistas, talvez para lugares similares. Aqueles que ele sabia que não tinham sumido é somente porque, antes disso, haviam sido assassinados às claras – com a sorte de serem, pelo menos, enterrados. Menos de um ano tinha se passado desde a última vez em que pisou no chão vermelho e pastoso de Kiev, banhado pelo sangue de seus compatriotas. Mas tudo era diferente. Aquela Kiev não lhe parecia mais o coração da sua amada Rus’. Feridas da guerra permaneciam. Ainda que a cidade fosse a mesma, o que não era, Igor a havia deixado e se transformado por completo. Voltar para o seu lar, por esse motivo, seria impossível – ainda que estivesse em Kiev. No fundo ele sabia que, quando somos levados para longe, de nossa casa e de quem somos, o lugar que deixamos também deixa de ser. Guardamos na lembrança não o lugar físico, real, mas um lugar que criamos, que só faz sentido para quem nós éramos – alguém que já não existe mais. Seja como fosse, ele sabia que estava no lar de seus antepassados, de um povo que sempre renascera das cinzas e que mais uma vez renascia.

Igor não tinha para onde ir, mas isso não o impediu de saber muito bem para que lado daria os seus primeiros passos; passos que finalmente haviam se livrado das penosas correntes alemãs. O seu andar firme ia em direção ao Zenith. O estádio era sua verdadeira casa dentro de Kiev: o berço de quem ele havia se tornado. Ele estava certo de que muito daquilo que um dia ele tinha sido havia morrido, mas tinha esperanças de que sobraria algo de sua essência para ser reencontrado. Num passado muito recente era o verde daquela grama e os gritos daquela torcida que ditavam o ritmo do sangue correndo em suas veias. Igor Olxiiy: outrora artilheiro do principal time da capital, o grande craque do Dínamo de Kiev. Ele pensava nisso tudo, enquanto

caçava esse sujeito em sua memória. Olhava para trás com ímpeto e desejo, mas não conseguia mais enxergar aquele personagem. Sufocado pelo presente, aquele sujeito era quase irreconhecível. Por isso os seus passos se aceleravam – se havia alguma chance do Igor prisioneiro ser esquecido, de sua dor parar de doer, isso dependia diretamente do Igor jogador do Dínamo. Para qualquer recomeço, o artilheiro teria de ser lembrado, descongelado daquela memória adormecida. Adorado pelos torcedores que um dia ocuparam a arquibancada do Zenith, ele ansiava, apesar disso, pela oportunidade de estar sozinho dentro do estádio – para sentir o que quer que fosse que devesse sentir, por si mesmo. Por um momento, ele parou de apreciar cada canto daquela cidade com a qual antes estava obcecado – cada canto daquela cidade de onde escorria a história de um povo milenar: um povo sobrevivente. Quanto mais perto do seu destino, menos pensava em qualquer outra coisa. Tudo que ele enxergava era o estádio, mal vendo a hora de chegar. A falta de atenção permitiu que Igor fosse surpreendido. Se antes ele esteve sempre alerta, essa mistura de sentimentos fez com que baixasse a guarda e logo se arrependeu. Seu descuido maior aconteceu quando já estava a poucos metros do Zenith. Sentiu ódio de si mesmo quando percebeu esse descuido. Se estivesse atento, se tivesse se escondido..., mas Igor não imaginava que nada inesperado pudesse acontecer. Só agora havia notado uma aproximação. Sem forças, deixou que uma lágrima escorresse. “Estava tão perto”, ele pensou. Alguém corria na direção dele.

Se antes os mundos de pai e filho pareciam ser o mesmo, agora eles tinham uma ideia muito diferente dos dias que se passavam sob domínio nazista. Os negócios iam mal, mas isso era o de menos. Na Ucrânia faltava tudo. Iván reconhecia que sua família era privilegiada e, sentindo o peso da culpa, ele e sua esposa cobravam cada vez menos pelo que havia na padaria. Por vezes ofereciam comida de graça para os clientes que contavam um dinheiro que não dava. Eram vítimas. Não era culpa deles. Para o pequeno Maxim, pouco havia mudado; a sua rotina era basicamente a mesma, indo para as aulas, brincando com amigos, divertindo os clientes da padaria, mais desanimados que o comum nesses últimos tempos. O menino tinha uma personalidade única e detestava ver qualquer pessoa sofrendo ou se lamentando. Em seu jeito leve e despreocupado, aos poucos Maxim foi aprendendo que com suas brincadeiras e discurso ágil ele tinha o dom de aprazer a quem quer que fosse. Todos os dias, Maxim não desistia enquanto não despertasse um sorriso em seu interlocutor; mas, bem da verdade, quase ninguém resistia ao seu carisma particular. Iván era um dos poucos. Ultimamente andava com aquele olhar opaco de quem enxerga tudo na cor cinza; o olhar de muita gente que vinha acompanhando as notícias sobre os inúmeros massacres que vinham acontecendo. Era uma pilha de mortos: um cálculo impossível. Milhares a cada dia, Iván assistia às dezenas de seus amigos que tinham virado apenas uma estatística em meio aos outros corpos. Essa dor lhe corroía por dentro e ele a escondia ao máximo para que Maxim não chegasse a ver. O que Iván havia se tornado era triste demais para o filho; e foi Myroslava quem o convenceu que deviam criar um mundo à parte para ele: um mundo em que um dia ele quisesse viver. Sem perceber, Iván tentava se afastar do filho, que ficava sem entender o motivo daquilo. Para mascarar seu sofrimento, Iván culpava outras coisas, e, do seu jeito, Maxim tentava amenizar a dor do pai. Ele percebia a distância, mas nunca ficou magoado. Subestimado pelos pais, talvez Maxim fosse o membro mais forte daquela família. Uma família com problemas – problemas que ele era novo demais para entender. Mas ele não se via como parte do problema, muito pelo contrário. Não importava o que estava acontecendo; tudo o que Maxim queria era ajudar.

Se Iván reclamava do frio, Maxim respondia mostrando o quanto era divertido enxergar sua própria respiração. Quando Iván saía para fumar, na tentativa inútil de apaziguar seus tristes pensamentos, Maxim se aproveitava desse mesmo frio para fazer imitações caricatas do pai.

Com um lápis na boca e uma postura esquisita, de ombros para frente, franzia a testa e fazia caretas enquanto soprava a fumaça de forma burlesca, a cada tragada do lápis. Às vezes, esse esforço todo tirava um sorriso de Iván, às vezes o fazia chorar. Para Maxim, não havia esforço nenhum. Se ele pudesse imitaria cem por cento dos movimentos de seu pai: Iván era o seu maior ídolo, seguido pelo craque do Dínamo de Kiev, é claro. O time, inclusive, era um dos poucos canais capazes de unir novamente os mundos agora tão distantes de pai e filho, mas não por um bom motivo. Com relação a equipe, os dois andavam tristes, cabisbaixos, tomados por uma saudade imensa de acompanhar os jogos nos fins de semana. O ambiente no entorno da cancha, aquela magia construída pouco a pouco, os torcedores animados e exaltados na padaria cuspidos o deruny em calorosos debates antes e depois dos jogos... isso tudo, que parecia nada de mais, fazia parte da vida daquela família. Era nas pequenas coisas que pai e filho sabiam quem eram; era por esses momentos que esperavam a semana toda. A falta disso doía no peito dos dois. A dor dos dois doía no peito de Myroslava.

Maxim não tinha conseguido pregar os olhos aquela noite; sem saber bem o porquê, uma ansiedade estranha lhe incomodava o sono. Iván já vinha dormindo mal há muito tempo: quando não era incomodado pelos seus pensamentos melancólicos era o choro sufocado de Myroslava que o mantinha desperto. Ele não a culpava: as horas da madrugada eram as únicas nas quais o casal podia se encontrar na dor que realmente sentiam, sem ter de esconder nada do filho, sem ter de fingir a normalidade que há muito lhes havia deixado. Quando Maxim chegou na padaria, o cansaço estava começando a vencê-lo. Como um peso morto, ele se atirou em um dos assentos. Durante sua caminhada da escola até ali, ele havia notado uma movimentação um pouco esquisita nas ruas, diferente de uma tarde comum em Kiev. Isso lhe havia deixado curioso e ele queria encontrar logo seus pais para ver se eles sabiam de alguma novidade. Era dia de Borscht. Iván tinha ido comprar as maçãs e os limões. Myroslava preparava as beterrabas e a carne, o que fazia com primazia. A mãe não soube ajudar o filho, pois esteve dentro da padaria desde cedo, e o pai tinha acabado de sair. Maxim decidiu esperar. O cheiro que saía do caldo engrossando na panela era delicioso, mas sua mãe detestava que cutucassem a comida enquanto cozinhava. Sabendo que não iria se aguentar, Maxim foi para a bancada da padaria, longe daquele vapor que o fazia salivar. Para enganar a fome, e amortizar a ansiedade, pediu que a mãe lhe cortasse um pedaço de salo. Ela preparou ao gosto do filho. Era uma afronta para os ucranianos mais conservadores, mas Maxim preferia que o toucinho fosse assado, até que começasse a derreter. Era mais uma mania que havia herdado de Iván. Sentou-se no lugar cativo da mãe, onde se podia enxergar o cruzamento com a rua Chervonnyy. Foi lá que, por vários dias, Myroslava manteve os olhos pregados, esperando pai e filho depois dos jogos – nos idos tempos do Dínamo. Enquanto aguardava, mordiscava a carne com um pedaço de pão e se ocupava em assistir os passantes na calçada, imaginando quem eram, como Iván costumava fazer quando jovem. Através da vitrine embaçada, devido ao calor que vinha da cozinha, ele via homens malvestidos e assustados passarem. Era um verdadeiro exército: um exército de pobres almas que olhavam ao seu redor como se estivessem sendo vigiadas ou perseguidas. Ansioso para que seu pai chegasse logo, ele seguia observando cada corpo que se aproximava. Desde que via alguém cruzar a esquina ele tentava adivinhar quem era, antes que passassem na frente da padaria.

Limou o vidro. Mais um que cruza a esquina, mais um para o seu enigma. Muito alto para ser seu pai, mas o desafio continua. Franzindo a testa para enxergar melhor, Maxim sentiu seu corpo tremer dos pés à cabeça. O seu coração parou por alguns segundos, mas depois os batimentos voltaram, acelerados como nunca estiveram. Completamente arrepiado, ele tentou se levantar, mas mal conseguia se mexer. Aquele cabelo loiro como o trigo, aquele corpo gigante que caminhava daquele jeito particular – aquele jeito que ele reconheceria em qualquer situação. Mas poderia ser mesmo? Sim, era ele. Igor Olxiy: o homem que fazia o mais triste de nós sorrir, que fazia o ucraniano mais reservado correr para o abraço de um desconhecido, o

homem que uniu Kiev. Seguiu enorme e imponente, o mesmo para os olhos de uma criança inocente – uma criança que, naquele momento, não seria atrapalhada pela tragédia assolando seu país. Quando Igor passou pela padaria, Maxim respirou fundo, retomou o controle e saiu em disparada, sem pensar em outra coisa. Sem dizer nada, pulou no colo do atleta e o abraçou. Igor tomou um susto: de punhos cerrados, a princípio parecia que queria se defender, mas logo ele voltou a si e percebeu que aquela suposta ameaça não era uma ameaça. Era apenas uma criança: uma criança chorando de emoção no colo do seu ídolo. Foi uma fração de segundos até que Igor entendesse tudo; até que ele se permitisse chorar junto com Maxim, lembrando das tantas vezes em que havia sido abraçado por crianças que o idolatravam. Naquela tarde, o ex-jogador não chegou a ir ao estádio; ele não precisava – podia deixar para o dia seguinte. Sentia-se como se sentiu ao marcar seu primeiro gol. Para Maxim, o abraço era fraco demais; para Igor, era o abraço mais forte que ele conseguiu dar. Era o que faltava para que o jogador voltasse a enxergar aquela personagem: aquele craque de quem ele havia esquecido. Agora, ele podia ver-se em si mesmo. Era no abraço de uma criança que a vida voltava a fazer sentido, era para os pequeninos que ele corria em direção ao gol. Aquilo, lembrou ele, era futebol. Aquilo era a verdadeira razão de ser do futebol. Sentia-se revigorado. Igor queria saber quem era aquele menino, que história tinha para contar, de onde tinha vindo; mas era ele quem estava prestes a ser bombardeado por centenas de perguntas. Quando Iván chegou na padaria, viu Maxim e Myroslava sentados e conversando com um sujeito estranho, cabelos dourados ainda pingando de um banho recém tomado. Se aproximou e viu que o rapaz devorava um prato de varenyky – sobras do dia anterior – como se não comesse há semanas. De repente, lhe veio um sentimento que ele já considerava inexistente: um sentimento que ninguém seria capaz de descrever. Soltou as frutas no chão. Com todo o pudor que seu filho não tinha, ficou sem reação quando Igor levantou-se e estendeu a mão. Levou alguns minutos para cumprimentar aquele sujeito que tanto conhecia, mas que só agora via de tão perto. Pensou muito bem no que poderia dizer. Hesitou. Não disse nada.

O boato virara notícia e, rapidamente, os habitantes de Kiev vinham aos montes para ver o craque do Dínamo. Os dias em que ficou na casa de Iván e Myroslava não foram só bons para os negócios: foram bons para todo mundo. Enquanto Igor se recuperava, o casal reencontrava um motivo para sorrir. Maxim, então, estava nos céus. Aquela figura disforme que cruzara a esquina um dia qualquer havia se tornado quase que um membro da família, o irmão que ele não tinha – e que tanto desejava. Passadas três semanas, Igor parecia dez anos mais jovem. Seus músculos flácidos se restauraram e sua pele cinza voltava ao tom rosado da juventude. Alguns dos amigos, que já haviam sido dados por mortos, como conta-gotas foram aparecendo na padaria ao saber da novidade. O público era outro, e, se antes o futebol era um detalhe importante do lugar, agora ele era precisamente o cerne da questão: o coração da Padaria número 3. O Dínamo não estava de volta, mas só se falava dele. O ambiente dos dias de jogos era quase o mesmo e Myroslava, que observava a tudo aquilo que via nas mesas, tinha a nítida impressão de que estava vivendo em um universo paralelo. Parecia que tinham voltado no tempo; que nada de ruim havia acontecido. Mesmo longe dos clientes, na voz rouca de Iván – que batia boca com o filho como se fosse, ele também, uma criança – ela via um pouco daquela paixão de antigamente: aquela vontade de viver, de esperar por alguma coisa. Ainda que não tivesse tanto interesse no time em comparação com os dois, Myroslava já havia aprendido muito com eles e por causa deles. Aquela felicidade, além disso, era contagiante e a própria mãe por vezes se perdia em discussões sobre o Dínamo.

Depois de Igor, Mikhaylo Pasternak foi o próximo ex-jogador da equipe a dar as caras na padaria. Era, também, uma figura inconfundível e, por isso, foi logo reconhecido pelos

clientes. Mikhaylo fora goleiro do Dínamo: um goleiro de baixa estatura, mas que chamava mesmo a atenção da torcida por parecer não gostar de jogar com as mãos. Sempre que era possível e até quando parecia impossível, ele fazia as defesas com os pés. Quando julgava necessário, ele saía do gol e se juntava ao resto do time, que, com ele, tinha a vantagem de poder jogar como se com onze jogadores de linha. Era um dos poucos arqueiros da época que saía jogando com tanta destreza e agilidade e os seus lançamentos eram os mais precisos do time. Já havia feito muitos gols de falta e de pênalti. Ele ri muito um dia em que Maxim deu com a língua nos dentes, na frente de todos, ao dizer que seu pai nunca confiara no goleiro. Gaguejando e meio sem jeito, Iván tentou desconversar. Admitia que tinha sentido uma certa dificuldade em aceitar alguém desenvolvido entre as três traves. Estava acostumado com goleiros maiores e mais grosseiros, que metiam medo nos atacantes, mas Mikhaylo o havia conquistado. O ex-jogador repetiu algumas vezes, sorrindo, que ele não precisava se explicar, mas não adiantava. Iván falava sozinho. A cara desconfiada de Maxim assistindo àquela cena e encarando o pai manteve a dúvida no ar e a piscadela de Mikhaylo para a criança deixou Iván ainda mais confuso. “Vocês estão se divertindo às minhas custas, não é?” Os dois caíram na gargalhada.

Mikhaylo, o mais novo cliente da padaria, também passou a frequentá-la quase que diariamente, e muitos lhe perguntavam qual era a sua história. Não era uma história feliz. Ele também havia sumido, mas, diferente de Igor, nunca tinha saído de Kiev. Um dia, ao voltar para casa, viu o exército alemão arrombando as portas da vizinhança. Poucos dias depois, sentiu um cheiro forte de podre na casa ao lado, onde moravam os seus irmãos. Ao se aproximar da porta, viu que ela também havia sido arrombada. Ele entrou e encontrou tudo revirado, móveis quebrados e sangue em todas as paredes. Isso foi antes de olhar para baixo. Olhou. O que apodrecia eram seus três irmãos. Em desespero, Mikhaylo recolhia os miolos do chão; demorou cerca de uma hora para aceitar que estavam mesmo mortos. Depois daquilo, por precaução, só teve coragem de deixar a toca quando soube que o grande Igor Olxiy estava na cidade e podia ser encontrado na Padaria número 3. Havia se mudado para uma pequena casa, mais afastada, onde vivia uma vida silenciosa com sua esposa e suas duas filhas. Era uma família que estava respirando o medo e para quem o mundo lá fora estaria sempre em guerra.

Enquanto contava essa história para uma torcedora fervorosa – que tentava segurar as lágrimas nos olhos – Mikhaylo sentiu uma mão pesada sobre seu ombro. Da cadeira olhou para trás e viu um queixo fino e um nariz pontudo apontando para ele: Olek Zelenko, outrora o capitão sério e sisudo do Dínamo, lhe sorria de cima. Os dois abriram um sorriso amigo e se abraçaram demoradamente. Quando jogava, essa nova figura que agora surgia na padaria parecia estar sempre irritada com o time. Ele não brincava em serviço nem quando jogava uma pelada com amigos. O seu forte era a criatividade; Olek sempre conseguia cavar a melhor solução em campo. As equipes adversárias se esforçavam em evitar que ele tivesse o domínio da bola; com ela nos pés, ele era imprevisível. Nos jogos, o seu engenho resultava em passes que só podiam partir do pé esquerdo dele. Nunca fez nenhum gol, mas tinha orgulho das estatísticas: era o líder de assistências da equipe. Se houvesse um atacante livre, Olek o encontraria. Igor cutucou o amigo, que estava de costas para ele, e brincou: “No campo tudo bem, mas até aqui você conseguiu me achar?” Os três riram e se abraçaram. Foram dezenas às vezes em que o atacante só havia balançado as redes por conta da mágica de Olek, o qual lhe metia bolas que nem o centroavante esperava, deixando-o em ótimas condições de marcar.

Igor, Mikhaylo e agora Olek. Não demorou para que outros ex-jogadores do Dínamo passassem a frequentar a padaria. Até atletas que um dia foram adversários acabavam aparecendo ao ouvir sobre a Padaria número 3, apesar da rivalidade. O volante do Lokomotiv, Dmitri, chegou junto com Aleksey, ponta direita veloz e driblador do Dínamo. As semelhanças eram muito maiores do que as diferenças. Aquela padaria, agora, era um time de futebol: o time mais forte da Ucrânia. Iván e Myroslava, que antes disso tudo estavam catando os pedaços de

uma vida que não sabiam mais viver, agora andavam sempre sorridentes – principalmente por ver o quanto aquele convívio fazia bem para o já não tão pequeno Maxim. O seu filho estava crescendo e os dois concordavam que não havia nada melhor do que exemplos como aqueles para ensiná-lo a tornar-se uma boa pessoa – exemplos de homens que haviam sido empurrados pela vida para baixo, mas que ali estavam mais uma vez, levantados do chão. Aqueles homens compartilhavam memórias, lembranças, e quase toda a frase que trocavam começava com algo como “Lembra aquela vez quando...” Maxim adorava ouvi-los falar – mesmo que escutasse a mesma história mil vezes – só pelo jeito apaixonado que conversavam. Ouvi-los o deixava feliz, orgulhoso de ser Dínamo e de ser filho daquele homem servindo esses sujeitos com mais uma xícara de café. Como ele amava aquele time... quase tanto quanto amava sua mãe e seu pai. Por trás de cada ex-jogador que entrava pela primeira vez na padaria, Myroslava tinha esse sexto sentido de conseguir enxergar, para além de cada história, vidas repletas de feridas que custavam a cicatrizar. Seu olhar de mãe via até a dor escondida – aquela que os homens teimam em guardar para si. Todos carregavam a marca humana do sofrimento e é, talvez, por isso que aquela atmosfera lhes fazia tão bem. O mundo lá fora continuava cinza, mas um fecho de sol mantinha a Padaria número 3 sempre iluminada – repleta de vozes, de cheiros e de uma vida que ainda insistia em pulsar. Via-se ali um broto de felicidade, regado pela força da memória dos homens. O balcão onde Myroslava e Iván atendiam seus clientes era tão terapêutico quanto o Zenith: nele vários corpos transformavam-se em um só.

O ano de 1942 começou rigorosamente, porém com cheiro de mudança. Diferente do ano anterior, os nazistas queriam conquistar a população – mesmo com tudo o que vinham fazendo. A matança seguia firme e o extermínio das “sub-raças”, como gostavam de dizer, fazia parte da agenda principal. Os ucranianos estavam entre os alvos preferidos. Várias escolas fecharam as portas, e havia agora um toque de recolher que mantinha a maioria da população de Kiev dentro de casa. A vida era outra e o povo já não sentia mais que aquele era seu lar. E não era. Os alemães perceberam esse descontentamento, e, por isso, decidiram fazer certas concessões – na medida do possível, era preciso que o povo estivesse ao lado deles. As proibições foram amenizadas: o toque de recolher foi revogado e as escolas e transporte público voltaram a operar com algumas restrições. Cientes de que o lazer amansa a fera, que às vezes cresce no coração dos homens, os alemães criaram uma liga amadora de futebol. Aquele era um projeto local – um teste para ver se eles conseguiriam fazer a insatisfação dos habitantes amortecer.

A essa altura, todos os jogadores faziam parte da Padaria número 3. Durante o dia trabalhavam, em troca de comida e, ao entardecer, usavam o fundo espaçoso do estabelecimento para jogar bola. Maxim não perdia uma partida, e muitas vezes trazia seus colegas da escola para assistir com ele. O duro era escolher um lado; mas sua estratégia, e de todas as crianças, era apoiar a equipe onde a maior parte de seus preferidos estavam. Iván e Myroslava queriam poder pagar um salário decente para os atletas, pois sabiam que todos mereciam depois do duro que deram na vida – mas era um momento ruim para todos eles e o lucro da padaria não dava para muita coisa. Os jogadores nada pediam, e, mesmo assim, eram sempre mimados por Myroslava. Às vezes ela desaparecia por algumas horas e daqui a pouco voltava com roupas novas e outros presentes para distribuir entre seus funcionários. Por conta da padaria, todos tinham uma razão para despertar no dia seguinte. Para eles, isso era tudo o que importava.

Um dia, porém, Maxim chegou tão desanimado em casa que preocupou seus pais. A princípio ele não queria contar o que tinha acontecido na aula; não queria preocupar ninguém até que soubesse se não era mentira. Myroslava pediu que dissesse o que havia de errado com ele. “Comigo nada, foi algo que eu ouvi na escola...” Menos mal, mas ela insistiu que contasse.

Ele contou, então, o boato que ouviu do filho de um sujeito que os pais sabiam ser ligado aos alemães. Segundo ele, uma liga nazista de futebol ia ser criada. Será mesmo? E nesse caso, o que fariam os jogadores? Não era mentira, surgiu essa liga local. A Padaria número 3 mudara. Onde antes todos falavam a mesma língua, nascia uma nova Babel. Os funcionários de Iván e Myroslava discutiam, brigavam e viravam a cara uns para os outros. Alguns queriam muito poder voltar a jogar futebol, competir, seja onde fosse; outros rejeitavam a ideia com convicção, pois nunca aceitariam participar de nada que envolvesse os alemães. Gradativamente, os jogos no fim de tarde foram deixando de acontecer. Alguns atletas entravam na padaria sem cumprimentar seus companheiros, alguns nem frequentavam mais o local. A família assistia o tecido daquela tela antes tão bonita que aos poucos ia desbotando; e a cor da padaria ia embora junto com a alegria dos ex-jogadores.

O casal não sabia o que fazer; mas Maxim teve uma ideia, e marcou, sem avisar aos pais, uma reunião com os funcionários. Nela ele pediu a palavra e deu uma bronca em todos eles. Nas palavras dele, dizia que se sentia na escola, cercado de crianças birrentas. Aquilo não era certo, eles eram uma equipe e uma equipe joga junto: em todas as decisões. Myroslava e Iván não escondiam a admiração ao perceber o quanto Maxim havia se tornado uma criança sábia, ainda com tanta vida para trilhar. Os dois conseguiam ver como os jogadores se envergonharam, abaixando a cabeça, talvez por estarem tomando uma lição de moral de alguém que tinha talvez um quarto da sua idade. A sugestão de Maxim, que mais parecia uma ordem, era que coubesse a Olek a decisão final: ele que até ali não havia se manifestado. Olek era o capitão e todo time deve respeito ao seu capitão. “Ou alguém quer ficar com a faixa?” Alguns hesitaram ao ouvir a pergunta da criança e todos permaneceram em silêncio. Olek achou que aquela fosse sua deixa. Agradeceu a Maxim e se levantou, pedindo para falar. Falou. Depois de pensar muito no assunto, por todos aqueles dias, ele achava que tinha chegado a uma decisão. Para ele, o time deveria jogar. A liga era uma oportunidade de fazer lá fora o que faziam no fundo da padaria, por um bem maior. “Por um bem maior?” Gritou Dmitri na mesma hora, em tom de indignação. Sim, prosseguiu Olek. O time seria um instrumento para motivar a população local, para suportar as afrontas dos alemães e para Kiev ir juntando forças e, um dia, bater de volta. “Se a gente tem algo contra os nazistas, o que precisamos não é fugir deles e sim enfrentá-los: derrubar dentro de campo quem tanto nos fez cair fora dele”. Ouviu-se alguns cochichos. Poucos deram de ombros: todo mundo ficou pensativo. Por fim, ninguém ousou contestar a decisão. Nascia, naquele dia, e com a benção de Maxim, um time completamente novo. No saguão da Padaria número 3, foi fundado o F.C. Start.

O F.C. Start ia competir, sem nenhuma condição de competir. O time não tinha sequer os instrumentos básicos de trabalho necessários para montar uma equipe de futebol. Com a ajuda de Iván, arrumaram algumas malhas pesadas e vermelhas. Myroslava transformou-as em camisas. Shorts ninguém tinha – muito menos branco. Mais trabalho para a agulha mágica de Myroslava, que recebia dos atletas suas calças brancas. Quem não tinha calças brancas ela dava um jeito de desbotar. Sumindo com a peça colorida, ela andava para lá e para cá; fazia umas misturas num balde e depois aparecia com algo mais branco que os arcos de Cárpatos. Iván estava surpreso: ele nunca havia imaginado que tinha se casado com uma mulher tão inventiva. Ela havia assumido a tarefa de garantir aquele uniforme e não desistiria antes de cumpri-la à risca. Myroslava cortava as calças pouco acima do joelho, com calculada precisão, em questão de segundos. Por fim, foi ela quem fabricou todo o uniforme do Start. Se não fosse Myroslava, aquele time ia estrear nu em pelo. Os treinos eram outro problema: como seguiam ajudando na padaria, agora mais do que nunca, os atletas continuavam só tendo o fim da tarde para praticar. E lá ficavam até anoitecer. Além do cansaço, ninguém tinha chuteira – alguns jogavam de botas,

mas a maioria preferia treinar de pés descalços. Maxim se sentia responsável por toda aquela revolução que acontecia na padaria, e profundamente orgulhoso. Ele adorava participar dos treinos, ajudando os jogadores que se feriam, trabalhando como gandula, apitando para ditar o ritmo. Pouco a pouco, as conversas retornavam; nos intervalos dos treinos, os jogadores comparavam as jogadas que tinham acontecido naquele entardecer com os gloriosos tempos do Dínamo. Maxim ouvia as histórias e, às vezes, era ele mesmo quem as despertava com algum comentário aleatório.

A primeira partida da equipe seria contra o time de um empresário local – o pai do colega de Maxim, de quem ele havia escutado o boato da liga. Tratava-se de um sujeito que ninguém na padaria gostava, pois todos sabiam que ele vinha colaborando com o regime nazista. Domingo à tarde, início da primavera e lá estava o clima da cancha, que tanta falta fazia para Iván e Maxim. Era um dia de sol e o colorido de Kiev contrastava com a monocromática equipe vermelha que se dirigia para o campo. A vida estava de volta aos arredores do Zenith, de volta no olhar intenso das torcidas. Aquela movimentação era muito parecida com a de outros tempos; fora de campo, era como se pai e filho revivessem um passado distante, mas que seguiu sempre aceso em suas memórias. Em Kiev, naquele dia, todos eram iguais. Em campo, por outro lado, a coisa não podia ser mais desparelha. Além de estarem com calçados e uniformes que passavam longe do que seria próprio para o jogo, o F.C. Start tinha o mínimo de jogadores para a partida: os onze titulares. Se alguém se machucasse ou não conseguisse aguentar o jogo até o final, eles teriam de jogar com um a menos. O time do outro lado do campo era o exato oposto. Financiado por um sujeito de muitas posses – cujo capital era incomparável ao pouco que Iván e Myroslava conseguiam ganhar com a padaria – a equipe adversária tinha uma estrutura profissional.

No banco de reservas nenhum reserva, apenas Maxim e Iván. Maxim sentia-se revigorado nessa posição privilegiada. Além de ver o jogo de perto, o calor que vinha da arquibancada logo atrás deles acelerava seu coração. Iván tinha ficado incumbido de entregar água para os atletas se hidratarem sempre que viessem na beira do campo, mas seu filho insistiu que ele assumisse a tarefa no lugar do pai. Maxim pedia tão pouco, que dificilmente ouvia algum não. Após o apito inicial, a bola começa a rolar e, com ela, foram embora todas as diferenças entre as equipes. Uniforme, chuteiras, substituições, financiamento... o F.C. Start não parecia se importar com aquilo que não tinha. Era o jogo deles: depois de tanto tempo, depois de tanta dor, por fim, naquela bola, estava a chance de catarse. O entrosamento demorou um pouco para aparecer: começaram ansiosos, cometendo erros amadores: alguns passes tortos e dribles bem mal calculados. Dmitri quase fez um pênalti bobo ao calcular mal o tempo da bola e atingir as pernas do atacante adversário. Aleksey correu tanto em seu primeiro toque na bola que saiu de campo com ela. Mikhaylo, ao tentar um lançamento, quase acertou a cara de Iván, mas Maxim empurrou o seu pai a tempo. Pouco a pouco, porém, as boas jogadas começavam a nascer. Igor perdeu um gol feito, em boa bola enfiada por Olek. A equipe rival já estava neutralizada, pois a zaga tinha se acertado. Do meio para a frente, quando o entrosamento veio, parecia que aquele time tinha nascido jogando junto. Zaga, meio-campo e ataque: tudo estava funcionando. Quando o jogo terminou concretizou-se como um primeiro passo que havia deixado Maxim muito feliz, não podia ter sido mais perfeito. Tranquilos quatro a zero. Pai e filho invadiram o campo após o apito final, se abraçando e abraçando os jogadores que se atiraram no chão. Enfim chegava o cansaço.

Passaram-se alguns dias antes que Pavlo Melnik, o empresário, dono do time derrotado, começasse a procurar jogador por jogador do Start. Ele queria contratá-los. O salário era alto e as condições, como já disse, incomparáveis. Mas seus esforços foram completamente em vão. Nenhum jogador hesitou – eles nunca se sujeitariam a jogar do lado dos nazistas. Quando ameaçados, também um por um eles deram as costas para Pavlo: o futebol havia sugado a covardia daqueles jogadores e eles se sentiam imparáveis. As ameaças não foram feitas à toa:

tratava-se de um homem capaz de mexer quantos pauzinhos quisesse para prejudicar quem lhe contrariava. Naquele momento, a consequência foi que o F.C. Start estava proibido de jogar no campo sagrado de Zenith. Era uma notícia desagradável, mas era um momento muito excitante para que algo tão pequeno abalasse a euforia daquela comunidade de Kiev. Ninguém falava de outra coisa: a equipe estava na boca do povo. Em cada esquina alguém comentava sobre aqueles bravos e combatentes jogadores que venceram um jogo em um cenário de extrema desvantagem. Eram de um tal F.C. Start, eles diziam, um time que parece que foi montado em uma humilde padaria. O sentimento de que somos um novamente ressurgia das trevas daqueles tempos. A semente foi plantada. Os homens dos quatro a zero estavam voltando a ser ídolos.

O fenômeno local virou febre nacional. As partidas que seguiram a primeira não ofereciam nenhuma dificuldade para o “time dos padeiros”, como o Start era agora conhecido. Jogar era uma diversão e sonoras goleadas foram aplicadas em sequência. Os torcedores iam à loucura, e os dois mais fervorosos deles estavam sempre lá, no banco de reservas, apoiando seus jogadores. Naquela semana, entretanto, um certo receio pairava no ar. O maior desafio do time, até então, se aproximava. O próximo adversário era o time da Luftwaffe, formado por soldados alemães. Eram verdadeiros armários: nazistas bem alimentados, no auge do seu físico e com a idade e porte ideal para o esporte. Seu equipamento e treinamento não eram simplesmente caros e de primeira qualidade: aquilo era um modelo reconhecido internacionalmente. O F.C. Start, por sua vez, já não contava com uma estrutura tão precária quanto antes. A comunidade, entusiasmada, ajudava como podia – com doações em dinheiro, roupas, chuteiras, equipamentos e até espaços que eram cedidos para treinarem de forma mais apropriada. Bastava um autógrafo, um abraço ou, até mesmo, um aperto de mão de um dos ídolos para valer a doação sofrida dos torcedores, que eram a ralé de Kiev. Eles fariam tudo o que pudessem pelo F.C. Start – morreriam pelo Start. Como essa partida seria contra um time alemão, a peleja poderia ocorrer no Zenith, onde os padeiros não pisavam já há algum tempo. O roteiro foi seguido à risca. A torcida eufórica lotou o estádio e os adversários, com seus belos uniformes e tonificados músculos, estavam completamente perdidos em campo. Foram seis gols. Mikhaylo não levou nenhum.

A pulga demorou, mas agora chegava atrás das orelhas nazistas. A Alemanha de Hitler estava se dando conta da dimensão que o time dos padeiros alcançava, da proporção que aquilo tomava para a população de Kiev. Era aquele sentimento poderoso. Era aquele sentimento perigoso. O Start era uma besta enjaulada e o apito inicial era a chave que abria a porta da jaula. A equipe jogava de uma forma inacreditável, ninguém era páreo para ela. Entre as pessoas, algo estava crescendo, e o futebol, que devia acalmá-las, as estava deixando a cada dia mais fortes – cada dia mais exaltadas. Eventualmente os nazistas perceberiam – e realmente perceberam. Era início de tarde quando Maxim jogava bola com seus amigos na frente da padaria, reproduzindo as jogadas do seu time do coração. Iván atendia um único cliente que sempre vinha naquele horário, e Myroslava tinha o olhar perdido, assistindo os esforços inúteis de uma mosca que tentava sair pela janela – daquele jeito meio estúpido de ser das moscas. Sem trocar uma palavra, pai e mãe saboreavam a alegria daqueles dias recentes, solitariamente. Novamente o futebol havia unido a todos. Novamente havia uma coisa em que se agarrar.

A porta da padaria escancarou-se a solavancos. À frente dos homens que entravam via-se uma figura imponente. Postura rígida e firme, ele tinha lábios finos, quase translúcidos. Entre os dentes podres, mastigava a ponta de um cigarro. Sua cara era de poucos amigos e de muitos inimigos. Se apresentou. Por baixo do quepe que acabara de tirar, via-se um cabelo gorduroso e grisalho. Tratava-se do comandante local do exército alemão, que vinha acompanhado por uma dúzia de soldados. Seu nome era Klaus Mallmann, e seu assunto era com Iván, por quem

perguntava em tom intimidante. Ele tinha um ucraniano fluente e articulado, mas com aquele sotaque pesado e bélico dos alemães. Iván pediu ao seu cliente que se retirasse e, cordialmente, se dirigiu ao comandante. A educação não foi recíproca. Klaus lhe apontava o dedo. Ele responsabilizava Iván pela agitação que o seu time de padeiros idiotas estava causando na cidade. Falava de muito perto e o padeiro sentia nele um hálito arrepiante – parecia o bafo da morte. Ao ver sua esposa aproximar-se com apreensão, Iván pediu que ela levasse Maxim para longe dali. Ele cuidaria do resto. Relutante, ela acatou. Myroslava sabia o que aquilo significava. Ela sabia que, caso necessário, o marido faria exatamente o mesmo se fosse por ela que o comandante perguntasse. Maxim era precioso demais – ele era o alicerce de tudo. Iván foi com os soldados para os fundos da padaria, onde juntaria todos os seus funcionários. O padeiro tomou um susto quando viu o seu filho chegando com eles. Maxim tinha escapado da mãe porque sentiu que o pai estava em perigo. Ele nunca deixaria o pai sozinho. Ele iria salvá-lo. Myroslava, esbaforida, vinha correndo do outro lado da calçada. Entre os jogadores, Maxim nunca sentia medo de nada. Aqueles eram seus heróis: peito de aço a prova de balas.

De que se tratava isso tudo? Klaus, sempre em poucas palavras, logo esclareceu. Tratava-se de um aviso – e também de uma advertência. O time alemão, dentro de três dias, voltaria para uma revanche. Novos soldados nazistas viriam para Kiev como forma de fortalecer os visitantes – e para garantir que ninguém tentasse bancar o esperto. A princípio, os padeiros não entenderam, mas pouco a pouco a coisa começava a fazer sentido. O F.C. Start tinha uma ordem para cumprir: saudar Hitler ao entrar em campo e entregar o jogo antes do apito final. Caso contrário, arcaíam com as consequências. Ninguém brincava com os nazis. “Covardes”. Iván leu a palavra se formar, lentamente, nos lábios pequenos de Maxim. Sem nenhum interesse em saber a opinião dos padeiros, o comandante e seus soldados partiram. O aviso tinha sido dado. Fora dali, em Kiev já circulava a notícia de que uma revanche havia sido concedida pelo Start. Ignorantes acerca das cláusulas invisíveis daquele contrato, a cidade comemorava e já esperava ansiosa pelo jogo. Foram três dias de conversas calorosas entre os torcedores, que planejavam preparações ainda mais pomposas do que as que tinham feito para o jogo anterior. Vencer era sempre bom; mas vencer os alemães... era a melhor coisa do mundo.

Três dias era pouco. Nem as equipes profissionais conseguiam se preparar para um jogo em tão pouco tempo, sem nenhum aviso prévio. Iván colocou em prática mais um plano sugerido por Maxim: deixar que o posicionamento dos jogadores fosse determinado por eles, como a equipe unida que já tinham provado ser. Para isso, ele convidou a todos para ficarem no sítio dos avós de Maxim, distantes do mundo barulhento e movimentado de Kiev: distantes de qualquer distração. O sítio seria o retiro onde poderiam descansar e treinar, caso desejassem – mas, principalmente, seria o lugar ideal para conversarem sobre o que deveriam fazer depois daquele encontro com Klaus. Nos dias que seguiram, todos comeram muito bem e via-se que muitos tentavam conversar sobre outras coisas, desviando daquele assunto que vinha tirando o sono de quase todos os padeiros. Aquilo estava deixando Maxim preocupado; será mesmo que os jogadores seriam capazes de entregar a partida? Em caso positivo, ele entenderia perfeitamente – mas, no fundo, sabia que nunca mais os reconheceria como seus heróis.

Na véspera do jogo, Maxim passou a manhã toda de cara fechada, rabugento. Ele ignorava as brincadeiras dos jogadores e dava respostas secas quando comentavam alguma coisa com ele. Todos sabiam o porquê. Durante o almoço, já não havia para onde correr: alguém precisava puxar o assunto. O silêncio era ensurdecedor. Só se ouvia a mastigação dos jogadores, os goles de vodca e os talheres raspando nos dentes. Olek pediu a palavra, para falar sobre aquele assunto que todos tentavam evitar. “Camaradas, como capitão, tenho o direito de dizer o que acho melhor para nós; mas não posso obrigar ninguém a colocar sua própria sobrevivência em risco”. Todos ergueram a cabeça. Agora os jogadores olhavam uns para os outros como que para tentar ler o que cada um pensava. “O que eu posso fazer é dizer que eu, Olek Zelenko, nunca farei a saudação nazista”. Agora todos haviam parado de comer. “Tudo que nos resta é o

nosso orgulho e a nossa história; obedecer às ordens dos alemães é com pisar em cima dessas duas coisas”. Maxim também olhava ao redor, estava ansioso para ver como os jogadores iam reagir. Leves sorrisos, movimentos afirmativos com a cabeça. Era tudo o que ele queria: seus heróis não lhe trairiam. A equipe concordava com todo o restante do discurso de Olek. O F.C. Start jogaria para vencer.

O time dos padeiros sempre chegava ao Zenith bem antes aos jogos – naquele dia, três horas antes. O clima era semelhante ao que normalmente se sentia ali, mas havia algo a mais, algo jamais sentido pelos jogadores. A caminho do estádio já haviam sido abordados por muitos torcedores; muita gente que nunca haviam visto na vida. Era uma epidemia: parecia que todo o planeta agora torcia para o Start. Tomadas por uma onda escarlate, as ruas pareciam um imenso mar de sangue. Era inacreditável: Kiev era inteira dos padeiros. Em um canto ou em outro, Iván havia visto caminhões do exército alemão. Ele julgou que estavam lá para evitar um possível tumulto devido à quantidade de gente – ou, pelo menos, era nisso que queria acreditar. De todo o modo, por precaução, ele e a esposa já haviam pensado em tudo. Logo depois da partida, seja qual fosse o resultado, todos os atletas seriam enviados para a Rússia. Anatoli se encontraria com eles em Orenburgo, onde os esconderia até a poeira baixar. Em meio aos jogadores, Iván sentiu a mão pequenina que suava de ansiedade na sua. Ele tinha feito de tudo para que o filho ficasse em casa naquele dia. Myroslava queria proibi-lo de acompanhar o pai, mas Maxim insistiu e o casal cedeu a contragosto – no fundo, sabiam que, os dois estando presentes ou não, o jogo representaria um risco. Afinal, os alemães já sabiam onde ficava a Padaria número 3 e poderiam voltar a qualquer momento. Iván apertou a mão do filho. Caminhar com Maxim, no meio daquela multidão vermelha, lhe trouxe um pouco da paz que ele precisava. Quando entraram no Zenith parecia que viam toda a cidade sentada nas arquibancadas. Não era possível que só estivessem ali as duas mil pessoas que cabiam. Iván cutucou Maxim e apontou para além do estádio, onde os dois conseguiam ver pequenos pontos vermelhos pendurados nos galhos das faias, e até dos desafiadores abetos – quem não conseguia mais entrar dava um jeito de subir nas várias árvores que cresciam ao redor do Zenith. Na tribuna de honra, Iván viu o que temia: em todos os lugares a mais alta patente de militares alemães que ocupavam a região. O juiz também era alemão. Tudo, no gramado, era para ser alemão. A paz momentânea passou. Naquele dia, Kiev parecia a bandeira da Alemanha nazista: estava tomada pelo vermelho, mas, para dentro das margens do campo, o que se via era uma imensa suástica.

Iván e Maxim abraçaram os jogadores e desejaram sorte, antes de assumirem seu posto no banco de reservas. Entrando em campo, os padeiros se assustaram com o tamanho do juiz, que não os cumprimentou. Ele era mais alto e mais forte que Igor, assim como todos os jogadores da equipe adversária. Antes de seguir para o aquecimento, os atletas alemães fizeram a saudação nazista, seguidos por sua torcida e pelos soldados ali presentes. Os jogadores do F.C. Start fingiram que não era com eles, e foram direto para o seu lado do estádio. “Ucranianos filhos da puta”. Foi o que Iván escutou vindo daquela voz rouca e metálica, que ele nunca poderia esquecer – aquela voz que parecia nunca ter rido. Engoliu seco. Klaus, de farda engomada, lhe deu um tapinha no ombro, virou as costas, e saiu. Maxim não tirava os olhos dos seus ídolos e Iván respirou fundo por ele não ter escutado nem visto nada daquilo. Após o apito inicial, parecia que os alemães tinham uns quinze jogadores em campo – e era bem possível que tivessem. Na primeira tentativa que Igor teve de seguir em direção ao gol ele foi atingido por trás, dentro da área, por um zagueiro despreocupado. O carrinho foi maldoso, imprudente, mas o árbitro deixara o jogo correr. Só havia falta para um lado: os ucranianos não podiam tocar nos alemães, e, com menos de cinco minutos, um dos padeiros já havia sido expulso, outros dois advertidos com o cartão amarelo.

Iván e Maxim estavam indignados, e a torcida, sonora, vaiava. Inutilmente, os padeiros reclamavam com o juiz, que os ignorava completamente. Não tardou para o Luftwaffe marcar o primeiro gol da partida. Nesse exato momento, Olek reuniu os jogadores e pediu que tivessem

calma e jogassem o jogo deles. “É claro que está tudo armado, mas nós não somos parte da armação!” As palavras do capitão mais uma vez surtiram efeito instantâneo. Os padeiros mudaram de estratégia. Com um toque de bola rápido e vertical, pouco a pouco foram aprendendo a fugir dos pontapés alemães. Nenhuma falta conseguia mais alcançá-los; e, se os alcançava, não era o suficiente para parar a jogada. O F.C. Start nunca havia jogado de um modo tão envolvente e engenhoso, desde sua fundação. Aquela foi a melhor partida dos padeiros; a torcida urrava de excitação vendo o time reagir. Fim do primeiro tempo. Haviam virado por três a um.

No vestiário, todos comemoravam e elogiavam seus companheiros. Maxim estava eufórico. Abraçou os jogadores, novamente, e deu os parabéns para todos – principalmente Igor. Tinha tanta coisa para falar naqueles minutos, mas notou a inquietação de seu pai e se virou na direção em que ele olhava. Klaus estava parado na porta, ao lado de um soldado com a mão no coldre. Todos se calaram e encararam o comandante. Ele olhava para baixo. “Último aviso”. Foram suas duas palavras antes de erguer a cabeça. “O Último”, repetiu com um olhar áspero, direcionado para Iván. Maxim podia enxergar o medo que o pai sentiu. Aqueles olhos, azuis como os lagos Shatski, tinham penetrado no corpo de Iván – lhe cortando ao meio. Os jogadores também temiam. Olharam uns para os outros depois dos militares se retirarem. Estavam sem saber o que dizer, até que Maxim quebrou o silêncio. “Te pego depois da escola”, disse com uma voz fina e num forçado sotaque alemão. Todos os padeiros riram, inclusive Iván. Era só isso que o seu filho queria.

Na feição de cada um, os jogadores viram o pacto: não se amedrontariam. Aqueles homens já tinham apanhado tanto dos nazistas que o risco de uma nova surra não faria com que se curvassem. Podiam confiar uns nos outros – entregar o jogo seria vender suas almas. Nos próximos quarenta e cinco minutos, via-se uma arquibancada completamente hipnotizada ao redor do estádio; o seu time era imbatível e jogava de um modo excepcionalmente encantador naquela tarde. Os gritos dos torcedores vinham de todos os lados. O Zenith tremia. Fora dele, os galhos das árvores chacoalhavam. Toda a armação dos nazistas havia sido em vão: estavam apanhando em campo. A habilidade dos padeiros era humilhante: a “sub-raça” de Kiev provava-se superior. Nenhuma bola que balançava a rede alemã era validada – foi o penúltimo recurso do juiz. Mas os padeiros também não deixavam os alemães marcarem. Depois de acréscimos absurdamente longos, o lado mais cansado parecia o da Luftwaffe, que não aguentava mais correr atrás da bola. O árbitro desistiu. Não havia mais o que fazer. Com o apito final e o placar igual ao do primeiro tempo a torcida foi à loucura. O povo ucraniano se sentia forte, unido e capaz de fazer qualquer coisa. Era isso que os nazistas temiam. Era isso que tentavam evitar. E era nisso que haviam falhado.

O caminho para o vestiário foi feito em festa. Até mesmo Iván havia esquecido os alemães. Parecia uma criança: com Maxim montando em seus ombros, ele dizia para os jogadores que nunca havia visto um jogo tão maravilhoso na vida. Eram elogios embaraçosos, atípicos para o jeito retraído de ser do padeiro. Os atletas, por sua vez, sentiram-se lisonjeados, pois sabiam que não era mentira: tinham, literalmente, dado o sangue durante aquela partida – metade deles estava mancando. Iván foi o primeiro a entrar e foi direto pegar a sacola de vodka que havia deixado no armário do vestiário. Maxim desceu do seu ombro e foi correndo acender a luz. Ele deu um grito. A garrafa que Iván segurava se espatifou no chão. Olhou ao redor. Sentiu sua espinha gelar. Encostados nas paredes, em todas as paredes, soldados alemães esperavam. Escoltados por mais soldados, os jogadores que ainda não tinham chegado foram, pouco a pouco, encaminhados para o centro do vestiário. “Silêncio”, disse um deles, enquanto os atletas se acomodavam nos dois bancos que haviam ali. Os bancos foram colocados rentes um ao outro. Muito próximos. Todos deveriam sentar frente a frente; uns encarando o medo dos outros. Iván tinha sido colocado de frente com Maxim, que herdara da mãe o dom de ler as

feições. No seu pai e no resto dos seus heróis tudo o que ele via era o pânico; e, dessa vez, ele não conseguiria alegrá-los.

Estavam esperando alguma coisa, ou alguém – nenhum dos padeiros sabia. Pouco a pouco o ruído da torcida foi diminuindo; proporcionalmente, o nervosismo dos jogadores aumentava. Escutaram passos lentos e pesados se aproximando. Klaus só entrou no vestiário quando o estádio estava completamente vazio. Deu a ordem para um dos soldados: amarrar os pés e as mãos de todos os que estavam ali. Maxim sentia o nó forte em seu tornozelo franzino sem entender nada. De repente ouviram um barulho. Aquilo não era nenhum animal, disse Igor sabia. Ele lembrava muito bem qual era o som das frotas alemãs. Os soldados dirigiam os caminhões que Iván havia visto antes do jogo. Sete ou oito deles estavam agora estacionados na frente do Zenith. Motores ligados. Quando viu que já todos os padeiros estavam amarrados, Klaus deu a segunda ordem: “Agora”.

Um soldado sacou a arma do coldre apontou para a cabeça de Dmitri e deu o primeiro tiro. Os jogadores deram um pulo, Maxim começou a chorar e Iván arregalou os olhos, paralisado. Pai só pensava no filho – queria que alguém o tirasse dali. Filho só pensava no pai – aquela figura abalada e frágil, de mãos e pés atados, não tinha nada a ver com o seu porto seguro de sempre. Seguindo a ordem da direita para a esquerda, um a um os jogadores eram mortos, sem pressa – assistir aos seus companheiros morrerem era parte essencial da tortura arquitetada por Klaus. Maxim olhava para baixo e via um chão que se tornara muito mais vermelho do que branco. Eram os jogadores ao seu lado que caíam. O soldado pulou a vez de Maxim. Ele seria poupado. Iván e os jogadores que ainda estavam vivos respiraram aliviados. “Essa vitória foi sua”, disse Igor, que estava ao lado do menino. Antes de ser derrubado, ainda lhe deu um beijo na testa. Depois de alguns minutos, naquele banco, o único que restava era Maxim. Do outro lado, os assassinatos recomeçam. Os pés de quem sobrava estavam mergulhados em um lodo vermelho: um lodo com cheiro forte de cobre. O soldado também pulou a vez de Iván. Havia alguma esperança. Pai e filho se esticaram. A mão fria de Iván encontrava a mão trêmula de Maxim.

Ouviram a morte de todos. Só haviam sobrado eles dois. Maxim via seus heróis inertes no chão e chorava descontroladamente. Não eram mais de aço. Não eram a prova de balas. O uniforme do F.C. Start era agora completamente vermelho. Camisa, shorts, chuteira... jogadores: uma pequena montanha de cadáveres. Iván olhou para Klaus. O comandante caminhava em passos lentos ao redor dos mortos, cuspidando um catarro amarelo na cara de cada um. Abriu a sacola que estava no meio da poça de sangue e tirou, com vagar, uma garrafa de vodca. Bebeu com calma, até o fim, apreciando cada gole. Era visto que estava saboreando o momento. A partida foi dos padeiros, mas aquele era o jogo dele. Soltou a garrafa no chão. Foi um baque úmido, amortecido pelo sangue. Finalmente se aproximou de Maxim, que assistia a garrafa boiar no meio dos pés, e se abaixou para bem perto dele. “Dê adeus para o papai”, disse em seu ouvido. O bafo de álcool, misturado com o bafo natural de Klaus, com o cheiro de sangue e com toda aquela cena promovida pelos alemães, fez Maxim vomitar no chão. Iván sentiu pena do filho. Se sentiu irresponsável. Sentiu também o cano quente do revólver encostar na sua nuca suada. “O último”, lembrou Iván. As palavras que Klaus havia dito para ele agora faziam todo o sentido. Pensou na Ucrânia. Pensou na mulher e em Maxim. Sorriu. Mandou o filho fechar os olhos. Os dois fecharam. No escuro, tudo o que viam era vermelho. Seguiam de mãos dadas. Iván não sentia mais nada. Dentro do estádio, ouviu-se o último estouro.

Da janela da padaria, Myroslava pode discernir a silhueta do marido dobrando a esquina. Era mais tarde do que o normal, e Iván trazia o filho nos braços. Ela achou que Maxim estivesse dormindo.